

Territórios e territorialidades da Música: Uma representação de cotidianos e lugares

Lucas Labigalini Fuini

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNESP Ourinhos

p. 97–112

Artigo disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/81083>

Como citar este artigo:

FUINI, L. L. Territórios e territorialidades da música: uma representação de cotidianos e lugares. *GEOUSP – Espaço e Tempo* (Online) São Paulo, v. 18, n. 1, p. 97-112, 2014.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 3.0 License.

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 18, nº 1 (2014)

ISSN 2179-0892

Territórios e territorialidades da Música: Uma representação de cotidianos e lugares

Lucas Labigalini Fuini

Resumo

Nesse artigo buscaremos entender as territorialidades contemporâneas como condições e reflexos da globalização, expressas em paisagens e formas-conteúdos que aparecem em letras musicais. Nesse sentido, nossa hipótese de pesquisa é a de que a letra musical, como relato de experiência e visões sobre os lugares, é um importante elemento para se entender a dinâmica da desterritorialização e reterritorialização constantes no período atual e que se manifestam através das múltiplas microterritorialidades. As territorialidades, em diversas escalas, podem ser vistas como as representações individuais e coletivas sobre tempos e espaços, trazendo em sua essência os elementos simbólicos, identitários e cotidianos dos lugares, sendo a música um destes elementos de representação dos conflitos, usos e práticas territoriais.

Palavras-chave: Território; Territorialidades; Desterritorialização; Música; Letras musicais.

Territories and music territorialities: a representation of places and dailies

Abstract

In this article we will seek to understand the contemporary territorialities as conditions and repercussions of globalization, expressed in landscapes and forms-content appearing in musical lyrics. In this sense, our research hypothesis is that musical lyrics, such as case studies and visions about the places, is an important element for understanding the dynamics of deterritorialization and reterritorialization in the current period and that manifest themselves through multiple microterritorialities. The territorialities in several scales, can be seen as the individual and collective representations of time and space, bringing in its essence the symbolic elements, identity and the day-by-day of the places, the music is one of these elements of conflicts, territorial uses and practices representation.

Keywords: Territories; Territorialities; Deterritorialization; Music; Musical lyrics.

Introdução

A territorialidade é uma forma de apreensão e representação de territórios não necessariamente controlados politicamente, mas efetivamente usados por determinados grupos/atores sociais e eventos espaciais, atendendo a objetivos políticos, econômicos ou culturais. A microterritorialidade requer o pensar sobre formas de expressão sociais e culturais, não somente as institucionalizadas, mas que têm forte capacidade de marcar com símbolos e identidades as formas e modos de viver em determinados lugares.

Assim, as microterritorialidades expõem o dinamismo próprio dos lugares face o processo globalizador de busca por homogeneização cultural. A microterritorialidade aparece como um fragmento das redes econômicas e informacionais mais amplas, sendo resultado da busca pela territorialização em contraponto à imposição de uma racionalidade técnica exterior fortemente desterritorializadora.

Considerando a importância de se compreender aquilo que dá identidade e sentido aos microterritórios, buscaremos, neste artigo, apresentar a música e seu elemento textual como um insumo possível para o pensamento completo e complexo sobre as territorialidades múltiplas, pois a música é um retrato/retrato do cotidiano dos lugares, que evoca determinados eventos espaciais com forte expressão e simbolismo para o entendimento daquilo que constrói e que modifica os territórios, ou seja, seus princípios de identidade econômica, social, política e cultural.

O presente texto segue uma fundamentação teórica já manifestada em textos pertencentes à concepção da Geografia Humanística Cultural, valorizando o imaterial e o subjetivo nos conteúdos das letras musicais como representações e expressões de microterritorialidades. Dividimos nossa análise em quatro partes principais: a primeira, que abordará os conceitos de território e de territorialidade como expressões e representações sociais e espaciais; a segunda, que visa explorar a ideia de microterritorialidade como unidade espacial criadora de identidades, contextos do pensar sobre as dinâmicas territoriais; e a quarta e última, que trará um exercício de leitura das territorialidades pela letra musical, propondo uma metodologia de entendimentos dos conteúdos das territorialidades a partir da dialética desterritorialização (DT) e reterritorialização (RT).

Territorialidades: Expressão e Representação

O conceito de território, clássico na Geografia, remete-nos à ideia de poder exercido sobre uma extensão do espaço por agentes políticos, econômicos e sociais, que estabelecem limites e fronteiras de acordo com o tipo de uso e apropriação que exercem sobre este recorte socioespacial. A apropriação designaria o movimento de territorialização e de desterritorialização, e o tipo de uso, envolvendo representações e manifestações de identidade cultural, representaria a territorialidade. Portanto, o território, como conceito científico, dotado de extensão e significado, expressa-se através de uma concepção (territorialidade) e de uma ação (territorialização).

Para Spósito (2004), a territorialidade representa o território do indivíduo, seu espaço relacional, horizonte geográfico e limite para a vivência e apreensão da realidade. “A territorialidade pertence ao mundo dos sentidos e, portanto, da cultura e das interações cuja referência básica é a pessoa e sua capacidade de se localizar e deslocar” (SPÓSITO, 2004, p. 113). Haesbaert (2002) se apoia em Sack (1986) para definir a territorialidade como a tentativa, por um indivíduo ou grupo, de atingir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, através da delimitação e afirmação de controle sobre uma área geográfica, valorizando-se a ideia de acessibilidade.

Saquet (2002) complementa o debate ao pontuar que a territorialidade apreende os aspectos imateriais da constituição múltipla do território no real, dividindo-se em territorialidades culturais (folclóricas), políticas (do Estado, de partidos e de bairros) e econômicas (centradas na criação de reprodução do capitalismo). Haesbaert (2004) reivindica o uso da noção de “multiterritorialidade”, a dinâmica combinada de múltiplos territórios em termos de justaposição e convivência da diversidade territorial representada pelas dimensões sociais, escalas e dinâmicas.

Essas dinâmicas se desdobram num continuum que vai do caráter mais concreto ao mais simbólico, sem que um esteja dicotomicamente separado do outro. No caso de um indivíduo ou grupo social mais coeso, podemos dizer que eles constroem seus (multi) territórios integrando, de alguma forma, num mesmo conjunto, sua experiência cultural, econômica e política em relação ao espaço (HAESBAERT, 2004, p. 341).

Poderíamos tratar então de territorialidade associada a grupos sociais, eventos culturais e religiosos, intervenções públicas, investimentos privados etc. A territorialidade se expressa em espaços e tempos distintos e, às vezes, simultâneos, como é o caso dos centros urbanos, com as territorialidades do comércio entrecruzadas pelas territorialidades das tribos urbanas, do trânsito, das igrejas, enfim, com a justaposição de territorialidades sagradas e profanas. Até mesmo podemos tratar de territorialidades cíclicas, com o uso de espaços urbanos pela atividade empresarial durante o dia e, à noite, pela prostituição e por usuários de drogas, por exemplo.

Entendemos com isso que a territorialidade é definida por eventos que dão conteúdo a mesma, e que estão relacionados com o tempo e o espaço, com o presente e o passado. Santos (1996) define o evento como um vetor das possibilidades existentes no mundo, mais precisamente em uma formação social, tratada como um país, uma região ou um lugar. Mas o lugar seria o depositário final e obrigatório de um evento. Os eventos são sempre novidades, realidades do presente e podem ser naturais, sociais ou históricos. Além disso, não há evento sem sujeitos e atores, portanto, os eventos envolvem um conjunto de ações em conflito.

Desse modo, se as territorialidades expressam os dinamismos que ocorrem nos territórios, envolvendo expressões, sensações, sentimentos e simbolismos, os eventos são as ações que dão sentido às práticas territoriais, posto que se há ator, há interesses e se há interesse, há uma ação e se as ações são múltiplas e se interrelacionam, cria-se um evento, e se o evento modifica as organizações espaciais anteriores, desfaz ou suprime identidades pretéritas e define novas identidades. Essas identidades se associam às formas, funções, configurações e processos sociais e espaciais que se reúnem e se tornam concretos em determinados territórios, com suas paisagens e lugares. Eventos também se manifestam em diferentes escalas e tais escalas são definidas não somente por suas dimensões espaciais e distâncias geográficas, mas, sobretudo, pelo critério interpretativo de se considerar um fenômeno social, econômico e cultural em sua intensidade, expressão e localização e, por estes esquemas interpretativos, como um modo de se apreender um evento espacial em sua natureza e representatividade.

Microterritorialidades: Cosmos de identidades

Fortuna (2012) define a microterritorialidade como uma modalidade de socialização articulada a valores, subjetividades e afetos, reconhecendo formas de organização social não-

-institucionais e transformações radicais de valores e estilos de vida. A microterritorialidade pode também ser abordada como uma escala interpretativa dos eventos motivadores de ações territoriais, sendo notada de forma mais concreta através dos estilos de vida urbanos e suas manifestações coletivas e individuais.

Posto isso, a microterritorialidade apresenta conteúdos vários que podem ser sintetizados através de algumas variáveis. Sendo conceito, ou seja, uma abstração da realidade e que explica uma série de fenômenos, as variáveis do conceito são mutantes e condicionadas ao tempo e ao espaço em que ocorrem. Sendo uma unidade epistemológica, o conceito de microterritorialidade possui uma profundidade, conforme o significado que dá às coisas e uma extensão, conforme o conjunto de coisas que explica. Portanto, quanto mais profundo e específico seu significado, um menor conjunto de coisas é abrangido por esse conceito, em sentido inverso, quanto menos incisivo for o conteúdo de significado, mais ampla se torna a ideia formalizada para servir à análise de um espectro de manifestações da realidade.

Assim, a primeira variável que destacamos da ideia/conceito de microterritorialidade é a espacial. As microterritorialidades como eventos socioculturais, realizam-se em determinados lugares, e se expressam em determinadas paisagens. Os lugares são unidades espaciais que se diferenciam devido às relações cotidianas que alimentam e os vínculos identitários criados e mantidos pelas relações com as pessoas e objetos presentes nesses pontos nodais da sociabilidade. Nos lugares, os sujeitos se reúnem, criam conexões e essas conexões se tornam padrões culturais. Assim, lugares sintetizam a materialidade e a imaterialidade, sendo o imaterial desígnio de afetos, sensações e sentimentos produzidos no/pelo lugar (CARNEY, 2007). Lugares são centros das experiências humanas, são *locus* privilegiados da realização de processos socioeconômicos mais amplos, como o de globalização (SANTOS, 2001).

As paisagens também são unidades espaciais, produtos e produtoras da cultura. Paisagens são expressas em formas e estruturas alcançadas pela visão em determinado momento histórico. Paisagens também possuem cores, cheiros, sons e movimentos que podem ser experienciados por cada pessoa que se integra a ela, ou abstraídos por aquele que a lê através de relatos e imagens. Assim, o conteúdo paisagístico é simultaneamente, objetivo e subjetivo, evidenciando diversos tipos de paisagens; visuais, sonoras, olfativas etc (TORRES; KOZEL, 2010).

Outra variável de entendimento da microterritorialidade é a questão da identidade. Identidade é o sentimento e a relação de pertencimento e de aproximação que se estabelece com outras pessoas, atividades, objetos e lugares. A identidade é mobilizada por sentimentos religiosos, políticos, familiares, linguísticos, musicais, esportivos, nacionalistas e, mormente, expressam-se territorialmente tanto no sentido de posse e apropriação, como no sentido de controle e circulação, bem como no aspecto de expressão e representação. As identidades podem ser individuais ou coletivas, formais ou informais e permitem o desenvolvimento de uma consciência territorial, prévia à efetiva posse, em um tempo em que a globalização e a homogeneização cultural ameaçam as identidades regionais e locais (CLAVAL, 2002).

Como variável possível de análise também temos o tempo. Valores, subjetividades e afetos são modificados com o passar do tempo, reforçando ou enfraquecendo os laços de organização social e espacial. O tempo traz técnicas modernas, que na forma de população e conjunto, definem um paradigma processual que caracteriza a imposição de determinadas formas de produção e modos de viver nos lugares, desconstruindo antigos padrões e criando um vazio momentâneo à espera da construção

de um novo padrão, de um novo elo relacional. Assim, o tempo histórico pode desenraizar e desterritorializar grupos sociais de seus lugares de moradas, reprodução e identidade, obrigando-os ao deslocamento espacial ou a assimilar, de forma subordinada ou relutante, os padrões exógenos que vão definir uma reterritorialização. A reterritorialização, como variável de tempo e mudança, é dialética em sua essência de impor um novo modelo de economia, sociedade e cultura, articulando as velhas formas e organizações espaciais como condições e reflexos, criando-se especificidades territoriais por um tempo que caminha mais por descontinuidade que por linearidade (SANTOS, 1996).

A dicotomia do indivíduo e do coletivo também está impregnada na discussão das territorialidades em escalas variadas. O indivíduo, como ser social, pensa e sente o mundo em sua particularidade, pois sua trajetória de experiência é única e suas estruturas de pensamento e sensibilidades também são partes de sua própria essência. No entanto, os indivíduos se definem na sociedade, no coletivo de pessoas organizadas em famílias, partidos políticos, clubes sociais, escolas, cidades e países. Assim, os indivíduos criam e sentem a cultura como membros de um coletivo que se manifesta através de um conjunto de representações semelhantes, reforçando identidades territoriais pelo construir e desconstruir de padrões de pertencimento social.

O indivíduo é essência em si e existência em outros, coletivamente aparece sua individualidade, individualmente aparece sua coletividade. Subespaços, como cidades e bairros, projetam as representações individuais e coletivas com suas formas e funções e, por vezes, as formas, como objetos técnicos, recebem funções não previstas em suas intenções originais. Temos como exemplo as pichações em paredes de edifícios e casarões, os moradores de rua que vivem embaixo de viadutos; festas e encontros de dança e *hip-hop* que ocorrem no leito das ruas, feiras de produtos hortifrutigranjeiros itinerantes em ruas e bairros.

A territorialidade se manifesta, portanto, em multiplicidades de espaços, identidades e tempos, que interagem e se sobrepõem no plano da reprodução da sociedade. E se tratarmos da escala micro dos eventos espaciais, realçamos o encontro de fluxos oriundos de diversas escalas maiores e que se concretizam no âmbito dos lugares, do cotidiano de experiências, relações e manifestações culturais. Nesse sentido, a música expressa, como um relato de lugares e experiências, um conjunto amplo de microterritorialidades, através dos sons, movimentos culturais, *shows*, festividades musicadas, letras de canções, emergindo como elemento importante para se explorar geograficamente o campo de estudos das territorializações e territorialidades.

Músicas e (micro)territorialidades

Os estudos sobre a música na Geografia não são novidade, sendo intensamente realizados na Europa e nos Estados Unidos desde os anos 1960. No entanto, a definição de uma linha ou programa de pesquisas denominado “Geografia da Música” (Music geography) é recente e, no Brasil, trata-se de assunto mais recorrente a partir dos anos 1990. Dois autores foram fundamentais ao reivindicarem um espaço para os estudos geográficos da música popular: Lily Kong e George Carney.

Kong (2009) reconhece que a música popular ainda não foi reconhecida como área de investigação geográfica. Pontua que a música é um elemento de penetração em todas as sociedades conhecidas, sendo elemento constitutivo do cotidiano e da identidade das pessoas. Assim, delineiam-se fatos que podem estimular a constituição de um programa de pesquisas sobre “Geografia da Música”: 1º.) A música de um determinado local traz imagens dele; 2º.) A música pode servir como fonte primária

para se compreender o caráter e identidade dos lugares; 3º.) A música é um meio para as pessoas comunicarem suas experiências ambientais de “espaço” e de “lugar”; 4º.) A música é o resultado de experiências ambientais.

A partir dessas considerações, Kong (2009) define as cinco principais correntes de pesquisa geográfica sobre música popular: 1) Aquela que se preocupa com a distribuição espacial de formas, atividades, artistas e personalidades musicais, com forte influência estadunidense; 2) Exploração dos locais de origem da música e sua difusão, utilizando conceitos como contágio, relocação, difusão hierárquica e exame dos agentes e das barreiras à difusão; 3) Delineamento de áreas que partilhem alguns traços musicais, em diferentes escalas; 4) Tradição regional nos estudos geográficos da música, em que o caráter e a identidade dos lugares são apreendidos a partir das letras, melodia, instrumentação e impacto sensorial da música; 5) Análise temática das letras para investigar preocupações ambientais expressas nas músicas. A autora, por fim, reafirma o valor pedagógico dos cinco temas expressos, discutindo como a música pode auxiliar no ensino de conceitos geográficos, através do entendimento da origem da cultura, difusão cultural, via de difusão e percepção ambiental, assim como imagens características dos lugares.

Outros autores, em estudos mais específicos, ressaltaram a relações entre territórios, territorialidades e a música, através de diferentes perspectivas e objetivos de se entender a música a partir do conceitual próprio da ciência geográfica. Carney (2007) busca entender a música através dos lugares (*topofilia*) e entre diferentes lugares (*heterotopia*), buscando estabelecer padrões, similaridades, diferenças e conexões. Assim, destaca as principais referências de pesquisa geográfica sobre a música, perfazendo uma taxonomia: 1) Delimitação de regiões musicais e interpretação da música regional; 2) Dimensões espaciais da música com relação a migração humana, vias de transporte e redes de comunicação; 3) Organização espacial da indústria da música e de outros fenômenos musicais; 4) Efeitos da música na paisagem cultural; 5) Relações da música com outros traços culturais em um contexto de lugar (religião, política, culinária); 6) Relação da música com o meio-ambiente natural; 7) Função da música nacionalista e anti-nacionalista; 8) O lugar de origem e a difusão dos fenômenos musicais para outros lugares; 9) Os elementos psicológicos e simbólicos da música relevantes na modelagem do caráter de um lugar (imagem, sentido e consciência deste); 10) Evolução de um estilo, gênero ou música específica de um lugar.

Nesse sentido, Carney (2007) destaca as possibilidades de se estudar conjuntamente os lugares e a música através de uma hierarquia de lugares, revelando as diferentes formas de percepção e manifestação musical, conforme as ruas, bairros, cidades, estados e províncias, regiões e nações, elementos espaciais que são associados a diferentes tipos de lugares. Posto isso, os lugares também podem servir como: fontes de inovação e de resistência musical; fontes para composição musical através de seus elementos naturais; referências para movimentos espaciais de gêneros e subgêneros musicais e, por fim; como instrumento para percepção e construção de imagens e mapas mentais sobre os lugares.

Panitz (2010), em sua dissertação de mestrado, explora o conceito de espaço geográfico ao analisar o âmbito de representações e relações sociais de músicos que vivem e se apresentam na confluência do Brasil com Argentina e o Uruguai, região fronteiriça que o autor denomina de “espaço platino”. O espaço platino surge, para o autor, como a fonte de inspiração para se entender a relação entre música popular e espaço geográfico. Torres e Kozel (2010)

analisam geograficamente a música pela perspectiva das paisagens sonoras, que são portadoras de formas, cores, cheiros, barulhos e movimentos, estabelecendo suas marcas na cultura, em uma dinâmica de relação mútua:

A música de um lugar pode oferecer ao estudo geográfico elementos para a leitura do compartilhamento e da construção da memória e dos símbolos nele existentes (...). O estudo da música deve levar em consideração o lugar onde ela é produzida e tocada, com seus valores sociais e culturais. Pensar o lugar remete a pensar na localização, assim como nas paisagens que este comporta. (TORRES; KOZEL, 2010, p. 128)

As territorialidades, em diferentes escalas, podem ser representadas e investigadas, em sua perspectiva relacional e processual, tomando como material de pesquisa as letras de músicas, considerando que algumas delas contêm representações ideológicas de determinadas experiências sociais e espaciais que se materializaram como hipertextos de uma realidade em constante transformação. Portanto, a análise geográfica das letras musicais e, mais particularmente de suas expressões de territorialidades, podem se pautar nos seguintes eixos esquemáticos:

- a) As letras musicais e as canções, aparecem como verdadeiros relatos descritivos, às vezes críticos e outras vezes contemplativos, de lugares, paisagens e territórios diferentes. Os autores transferem às suas composições determinadas representações, percepções e experiências espaciais derivadas de sua formação social, crenças, ideologias, estilos de vida, identidades com cidades e lugares, ou até mesmo intenções específicas de provocar e controlar sensações e emoções no âmbito coletivo. As descrições espaciais musicadas contemplam escolhas, escolhas daquilo que se quer abordar e como abordar e, nesse sentido, não há letra musical com conteúdo geográfico que seja neutra ou desprovida de intencionalidade ética e estética. A letra, inclusive, traz enunciados declaratórios de relações de poder ou de movimentos que anseiam estabelecer claramente os marcos de sua territorialidade (Ex: Grupos de *Rap*);
- b) Letras musicais também trazem elementos de identificação com eventos, pessoas e lugares, produzindo símbolos derivados da observação de eventos marcantes para os autores, pois em determinados momentos foram protagonistas de determinadas ações e práticas espaciais, em outros apenas observadores argutos de eventos ocorridos em outros países, estados e regiões que não as suas de origem e vivência. A letra musical também promove a identidade em uma lógica de exterioridade, quando grupos sociais se reconhecem nos estilos e conteúdo das letras, tornando-as ferramentas importantes de coesão, manifestação e ação, em alguns casos até mesmo de negação de identidades patrióticas impostas (Ex.: Movimento *Punk Rock*).
- c) As letras musicais aparecem como recursos discursivos que são definidos mediante o uso de linguagem, no caso a linguagem verbal, na modalidade escrita. Aparecendo geralmente na forma de texto poético, essa linguagem é comunicada por meio da cultura e da tecnologia, sendo influenciada pela posição social e ideológica de cada autor. Sendo elemento sintetizador da produção e circulação de ideias, as letras musicais exprimem determinadas visões de mundo pela relação sujeito-objeto-sujeito, provocando maior ou menor intimidade e interesse conforme o público reconheça

na letra sua própria visão de mundo, ou um estilo de vida e referencial explicativo da realidade ao qual gostaria de compartilhar (ou que sem saber já compartilham pela homogeneização cultural) (KIMURA, 2010).

- d) As letras musicais são criadoras e criaturas de territorialidades e microterritorialidades, pois seus conteúdos expressam uma infinidade de ações, em escalas espaciais variadas, de cunho social, econômico, cultural e político que manifestam signos, símbolos e formas de controle e apropriação de recortes espaciais. Nesse sentido, a letra musical é criatura de territorialidades, pois ela em si é o relato discursivo de um processo real, ou ficcional com elementos de realidade, que produziu elementos de territorialização. A letra musical também é parte de um repertório conduzido por um grupo social do qual seus autores são co-participes, refletindo as aspirações e modos de vida desse quadro coletivo de experiências. Por esse prisma, a letra musical é criadora de territorialidades, pois é elemento de expressão de uma classe, grupo ou movimento social com aspirações variadas do ponto de vista ético, estético e ideológico, nem sempre institucionalizado.

Uma abordagem das microterritorialidades da música

Nesse espaço faremos um exercício de análise de uma letra musical buscando identificar e compreender, do ponto de vista do observador externo, a quantidade e qualidade de elementos de territorialização e territorialidade presentes na poética musical. Escolhemos para tal entendimento uma letra paradigmática sobre o processo atual de globalização, denominada de “Disneylândia”.

A escolha dessa letra se deve à sua riqueza de detalhes de processos territoriais vigentes, representativos de uma economia e sociedade-mundo em transformação e, devido, aos elementos discursivos críticos comumente presentes nesta letra em específico e nas letras, em geral, da banda paulistana Titãs. Esse grupo foi formado nos anos 1980, por jovens colegas de escola moradores de São Paulo, capital, pertencentes à classe média e que dispunham de condições para estudar em colégios privados. Sua formação mais conhecida incluiu oito integrantes e, de meados dos anos 1980 até os dias atuais, os Titãs conseguiram ganhar popularidade e acesso crescente no mercado da música, não perdendo, entretanto, o aspecto poético de suas canções e os elementos crítico-sociais no conteúdo das mesmas. O grupo fez parte daquilo que se denominou nos veículos de mídia de “rock nacional”, período de proliferação de grupos e bandas que difundiam a musicalidade estética do rock internacional, com canções cujas letras expunham elementos da realidade socioterritorial brasileira, tratando de questões e problemáticas urbanas, sobretudo a violência, corrupção política, pobreza, favelização, mídia etc.

Ideologicamente os Titãs poderiam ser associados àquela classe burguesa intelectual com elementos de liderança e inspiração social, ao contrário dos integrantes do movimento do *Punk*, *Rap* e *Hip-hop*, mais identificados com classes proletárias e marginalizadas. Entretanto, não temos a intenção de analisar a música dos Titãs sob esse prisma, mas sim utilizar uma de suas letras como elemento de relato e discurso para pensar o conceito de (micro)territorialidade, auxiliando no movimento de se identificar na letra musical elementos geográficos com uma forma de linguagem para estudos e entendimentos de processos de representação, uso e organização territorial.

Disneylândia

**(Titãs – Autores: Arnaldo Antunes, Sérgio Britto, Paulo Miklos; Ano: 1993;
Álbum: Titanomaquia)**

Filho de imigrantes russos casado na Argentina
Com uma pintora judia,
Casou-se pela segunda vez
Com uma princesa africana no México

Música hindu contrabandeada por ciganos poloneses faz sucesso
No interior da Bolívia
Zebras africanas e cangurus australianos
No zoológico de Londres
Múmias egípcias e artefatos incas no museu de Nova York

Lanternas japonesas e chicletes americanos
Nos bazares coreanos de São Paulo
Imagens de um vulcão nas Filipinas
Passam na rede de televisão em Moçambique

Armênios naturalizados no Chile
Procuram familiares na Etiópia,
Casas pré-fabricadas canadenses
Feitas com madeira colombiana

Multinacionais japonesas
Instalam empresas em Hong-Kong
E produzem com matéria prima brasileira
Para competir no mercado americano

Literatura grega adaptada
Para crianças chinesas da comunidade europeia
Relógios suíços falsificados no Paraguai
Vendidos por camelôs no bairro mexicano de Los Angeles
Turista francesa fotografada seminua com o namorado árabe
Na Baixada Fluminense

Filmes italianos dublados em inglês
Com legendas em espanhol nos cinemas da Turquia
Pilhas americanas alimentam eletrodomésticos ingleses na Nova Guiné
Gasolina árabe alimenta automóveis americanos na África do Sul
Pizza italiana alimenta italianos na Itália

Crianças iraquianas fugidas da guerra
Não obtém visto no consulado americano do Egito
Para entrarem na Disneylândia

A letra musical em tela aparece como relato, discurso e expressão de eventos e fatos sociais e espaciais típicos dos anos 1990, daquilo que se convencionou chamar de “processo de Globalização”. Sendo um dos temas mais discutidos na atualidade e que grandes impactos representou e representa no pensamento social e nas diversas formas de leitura da realidade, a globalização se difunde como um movimento de crescente integração econômica, viabilizada pela abertura comercial, pela ação de grandes corporações transnacionais, pelo mercado financeiro transfronteiriço e pelas redes integradas pelas tecnologias de informações e comunicação. Aparece como um processo tipicamente capitalista, em seu período monopolista e financeiro e que produz impactos diferenciados conforme os países e seus quadros regulatórios e normativos, incitando o desmantelamento do Estado-Nação para acelerar investimentos desejosos da mais-valia global.

Portanto, a globalização promove a fragmentação à medida que integra determinados lugares às redes e cadeias de acumulação do grande capital da indústria e dos serviços, afastando temporariamente outros lugares que se tornam apenas reserva de mão-de-obra, terra e outros recursos naturais, desprovidos de densidades técnicas e institucionais.

O impacto espacial da integração econômica globalizadora gera, em movimento desordenado, uma ordem tecnificada e uma desordem social e cultural, buscando construir uma nova ordem cultural e social por meio do imperativo do mercado, do produto e da tecnologia via consumo ou trabalho controlado pela velocidade, o *just-in-time*. E, ao desconstruir antigos laços identitários e tentar construir novos, ou conviver com eles, estamos lidando com processos e movimentos territoriais de controles e poderes que existiam e se desfizeram; ou que são reconstruídos por uma lógica externa extrovertida, por uma mescla de lógicas externas e internas incorporadas; ou pela lógica interna como resistência cultural.

Assim, podemos explicar essas dicotomias dialéticas de ordem X desordem, construção X desconstrução, identificação X desidentificação, pelo prisma da desterritorialização. Haesbaert (2006) trata o conceito de desterritorialização como um mito da globalização, pois a sociedade busca incessantemente reconstruir vínculos e laços de identidade e de representação e apropriação de territórios em outros lugares diferentes dos seus originários. A realidade socioterritorial contempla, como pares de um mesmo processo político e econômico, a desterritorialização e a reterritorialização. Se em um primeiro momento se desfazem referenciais culturais, econômicos, políticos e sociais, em um segundo momento, ou simultaneamente, são reconstruídos no mesmo lugar ou em outros lugares novas referências ou referências de outros tempos e espaços.

A territorialidade, como ato e movimento individual e coletivo, passa pela ação disruptiva de desterritorialização (DT) e reterritorialização (RT), pois as representações, sensações e mecanismos de controle e apropriação espaciais, são desfeitos e refeitos em seus conteúdos econômicos, culturais, políticos e sociais. Símbolos, marcos e mecanismos de agregação e referenciação desaparecem, como forma, mudam de função e de valor e dão espaço a novas formas e funções que repactuam laços e referenciais identitários. Portanto, o campo da territorialidade, em sua bifurcação material e imaterial, pode ser interpretado

em fatos e processos pela dinâmica desterritorializadora e reterritorializadora, pois não estamos falando apenas de ações articuladas por grandes empresas e Estados em âmbitos maiores (nacional e global), mas também de ações correntes em cidades e bairros, no local, que sofrem influências de outras escalas de fenômenos e que chegam ao local de vida e ao cotidiano das pessoas.

Quanto ao conteúdo da letra, estabeleceremos as nuances principais vinculadoras dos elementos representativos de eventos e movimentos sociais, econômicos, políticos e culturais com a compreensão sobre a construção de territorialidades pelo movimento contínuo de desterritorialização e de reterritorialização.

Um elemento fundamental desse “poema musical” é o fato de que existe um movimento populacional que ocorre entre as fronteiras políticas nacionais, envolvendo cruzamentos e choques culturais. Trata-se dos movimentos de emigração-imigração, como elementos componentes das migrações internacionais. Os fluxos populacionais também são elementos componentes da globalização, facilitados pela modernização nos meios de transportes e de comunicações.

No entanto, os fluxos populacionais ainda encontram barreiras, por vezes aparecem como “muros”, sociais, econômicos e culturais, que dificultam a fluidez de pessoas, em contraponto à fluidez de mercadorias, informações e de finanças. Essas dificuldades comumente obrigam levas de pessoas em condições sociais e econômicas desfavoráveis a realizarem imigrações ilegais, clandestinas, apesar de todos os riscos envolvidos em um verdadeiro “escambo” de seres humanos. Somente por esse processo, um filho de imigrantes russos poderia ter casado com uma pintora judia e, casado posteriormente com uma princesa africana no México. Primeiramente, considera-se que seus pais se desterritorializaram inicialmente ao emigrarem da Rússia, dando ao seu filho a condição de se reterritorializar em outra nação, espontaneamente ou obrigatoriamente e, buscado construir vínculos identitários via casamento com pessoas de outras nacionalidades e culturas (judias, africanas).

Mas outro aspecto que sobressai na letra é o referencial econômico e comercial dos fluxos globalizados. Ele aparece através da abertura ao comércio internacional via acordos bilaterais e multilaterais, bem como pela integração comercial controlada pelas relações entre corporações multinacionais e suas filiais, vistas como bases territoriais avançadas para o controle de fontes de matérias-primas, mão de obra, mercados consumidores e recursos logísticos. Nota-se também, nas entrelinhas, a referência ao intercâmbio comercial ilegal. Além disso, outros contributos à intensificação de fluxos de investimentos e de intercâmbios comerciais são os arcabouços normativos e institucionais mais ou menos atrativos aos investimentos globais em busca de lucratividade inter-territorial. A letra exhibe tais conteúdos ao tratar da venda de “lanternas japonesas e chicletes americanos (estadunidenses) nos bazares coreanos de São Paulo”. Bens de consumo duráveis (eletrônicos) e não-duráveis (alimentício) oriundos de dois países desenvolvidos e industrializados aparecem no mercado interno brasileiro através de um estabelecimento de comércio varejista situado na capital paulista, de proprietários estrangeiros. Tal estabelecimento é o final de um sistema produtivo que envolve a produção, circulação, distribuição e consumo.

A desterritorialização e reterritorialização são evidenciadas na presença de produtos estrangeiros em prateleiras brasileiras, ocupando o espaço de mercado da indústria nacional e, também, pela presença de asiáticos controlando a propriedade imobiliária e de capital mercantil em determinados bairros paulistanos. A reterritorialização advém também da assimilação dos produtos estrangeiros pela população consumidora nacional, por meio da homogeneização cultural, tornando tais elementos um tipo de padrão de sociabilidade exterior pelo primado da técnica atrelada à maneira própria de reprodução de um modo de vida de grupos sociais brasileiros. Por vezes, a rejeição a tais produtos reflete a resistência à uniformização cultural, mantendo um distanciamento estratégico para manutenção dos símbolos identitários próprios da forma de se alimentar e viver de um povo.

O trecho sobre “multinacionais japonesas instaladas em Hong-Kong, produzindo com matérias-primas brasileiras para competir no mercado americano” demonstra a desterritorialização da produção do Japão para a reterritorialização da mesma em uma cidade-estado encravada na China, ocorrendo simultaneamente a desterritorialização de possíveis empresas do próprio lugar, afastadas pela competição desigual com grandes grupos multinacionais japoneses. Conquanto, a competição pelo mercado estadunidense é uma forma da empresa japonesa de se reterritorializar neste país a fim de explorar as economias de escala e de custos decrescentes possíveis de se obter por lá e que não pode mais obter em seu país de origem, usando matéria-prima brasileira via reterritorialização de parte de sua produção para subcontratados brasileiros e desterritorialização dos brasileiros que passam a produzir para o capital estrangeiro.

Os choques culturais também são evidentes, culminando em assimilação ou conflito. O trecho que trata da “literatura grega adaptada para crianças chinesas da comunidade europeia” apresenta um quadro de desterritorialização da literatura grega, símbolo identitário da Grécia e, sua reterritorialização em outros países europeus, por uma comunidade oriunda da China, desterritorializada de seu país e reterritorializada em território europeu. O mesmo movimento ocorre com os “filmes italianos dublados em inglês com legendas em espanhol”, desterritorializando a cultura como mercadoria da Itália, reterritorializando-a em países anglófonos e hispânicos, consumidores e admiradores desse elemento culturo-simbólico italiano.

O elemento político aparece com força quando do impedimento de um grupo populacional oriundo do Oriente Médio, mais precisamente do Iraque, proibido de adentrar nos Estados Unidos por barreiras político-diplomáticas transmitidas às suas embaixadas e consulados pelo mundo. O impedimento remete a uma norma imposta pelo Estado nacional estadunidense face aos conflitos nos quais se envolve e, recentemente, tendo o Iraque como adversário estratégico dentro do cenário de controle de recursos energéticos fundamentais ao funcionamento da economia moderna e abundantemente concentrados em terras iraquianas. Crianças tentam se desterritorializar, face às condições conflituosas que as condenariam à morte ou pobreza, e buscam penetrar nos Estados Unidos, horizonte de reterritorialização desejável econômico e socialmente, através do complexo turístico da “Disneylândia”, ponto de recepção e passagem tratado como “não-lugar”, pois recria uma realidade inexistente e que não é um recorte territorial que permitiria a fixação, o enraizamento e a reterritorialização do povo iraquiano.

Quadro 1

Territorialidades da música disneylândia entendidas pela dialética dtxrt

Territorialidades	Desterritorialização	(Re)territorialização
Econômicas	Multinacionais japonesas... Produzem com matéria-prima brasileira... Feitas com madeira colombiana... Falsificados no Paraguai... Pilhas americanas alimentam eletrodomésticos ingleses... Gasolina árabe alimenta automóveis americanos...	Instalam empresas em Hong Kong... Para competir no mercado americano... Casas pré-fabricadas canadenses... Relógios suíços... No interior da Nova Guiné... Na África do Sul...
Culturais	Música hindu contrabandeada por ciganos poloneses... Procuram familiares na Etiópia... Imagens de um vulcão nas Filipinas passam na rede de TV em Moçambique... Múmias egípcias e artefatos incas no Museu de Nova Iorque... Literatura grega adaptada para crianças chinesas... Filmes italianos dublados em inglês com legendas em espanhol...	Casado na Argentina com uma pintura judia... Faz sucesso no interior da Bolívia... Da comunidade europeia... Nos cinemas da Turquia...
Políticas	Crianças iraquianas fugidas da Guerra... Não obtém visto no consulado americano do Egito...	Casou com uma princesa africana... Armênios naturalizados no Chile...
Sociais	Filho de imigrantes russos... Turista francesa fotografada seminua com o namorado árabe...	Na Baixada Fluminense... Pizza italiana alimenta italianos na Itália... Para entrarem na Disneylândia...

Organização: Fuini, 2012.

As reflexões até o momento realizadas evidenciam os sentidos que a música pode adquirir como ferramenta pedagógica para o estudo de conceitos e fenômenos geográficos, pois apresenta elementos cotidianos de diversos lugares, destacando determinados eventos, formas-funções espaciais e representações de territorialidade que servem, pela prática do diálogo, como um texto favorável à construção crítica de conhecimentos por meio dos relatos e ideologias que contém identidades, símbolos e utopias de territórios e de lugares.

Mais especificamente sobre as microterritorialidades urbanas, podemos analisá-las também pelos elementos relatados na música acerca das paisagens urbanas em diferentes partes do mundo. Um dos grupos mencionados e que expressa fortemente no território seus símbolos e identidades são os imigrantes. A música apresenta alguns referenciais específicos de deslocamentos humanos, antigos ou presentes, que trazem reflexos atuais no sentido de contribuir com a forma societal dos lugares onde se enraízam e demarcar decisivamente a configuração territorial dos mesmos.

Trata inicialmente de “filho de imigrantes russos”. Seria descendente dos primeiros emigrados e que contraiu diversos laços de casamento até, finalmente, se reterritorializar no México, país latino-americano, com outra pessoa emigrante de origem africana. Esse exemplo se concretiza por uma série de relações cotidianas que ocorreram em determinadas cidades, mais especificamente em ruas e bairros de cidades. Outras referências a turistas aparecem na música, como “crianças chinesas na Europa”, os “armênios no Chile”, “crianças iraquianas no Egito em direção aos Estados Unidos”, com fortes apelos à territorialidade como expressão de identidade e representação, entendida através dos termos “comunidade”, “naturalizado”, “adaptado”, “entrada”, “familiares”, que nos trazem a ideia de conversão, assimilação, aceitação, ou seja, de constituição de laços com o novo território e com suas pessoas, objetos e normas. Aparece também o exemplo dos “ciganos poloneses”, um exemplo de grupo cultural com uma territorialidade específica e esporádica, devido à rapidez com que realizam o movimento de desterritorialização e reterritorialização. No relato da música aparecem associados ao trânsito entre países e prática de atividades ilegais.

Mais alguns elementos de territorialidade ocorrem na música com a identificação de uma nação e Estado-nação a um determinado produto ou atividade produtiva comum no mercado capitalista de produção, circulação, distribuição e de consumo. Além disso, tais produtos, como elementos de certa identidade territorial nacional, acabam sendo influenciados por itens e insumos de outros países, na denominada “economia em rede e informacional”. Aparecem na música a “gasolina árabe”, “pilhas e automóveis americanos”, “matérias-primas brasileiras”, “filmes italianos”, “pizza italiana”, “eletrodomésticos ingleses”, “relógios suíços”, “casas pré-fabricadas canadenses”, “madeira colombiana”, “multinacionais japonesas”, sendo possível também visualizar o funcionamento da divisão internacional e territorial do trabalho na atualidade através do tipo de produto, valor tecnológico adicionado a ele e, das relações de exploração do trabalho barato e de matérias primas que conferem a determinados países posições vantajosas na economia internacional. A microterritorialidade aparece nesses casos pelo impacto social, econômico e cultural que cada produto e atividade manifesta na ordem de relações que ocorrem nos microcosmos localizados no tecido urbano, chegando às “famílias”, às “casas”, aos “bazares”, aos “cinemas”, “museus”, sendo estes símbolos fortes de cotidianidade, representação e identidade.

E, por fim, é oportuno explorar mais um último elemento para assinalar a importância do uso de letras musicais no entendimento de territorialidades: o seu sentido pedagógico e educativo. Investigar as territorialidades múltiplas atualmente geradas é um exercício que requer o concurso de diversos tipos de instrumentos de pesquisa, envolvendo elementos cognitivos, estatísticos, textuais, artísticos, entre outros. Assim, o uso de letras musicais no exercício geográfico de compreensão da construção e desconstrução de territórios é oportuno, pois mobiliza os seguintes campos do conhecimento que dão um sentido formativo ao processo de compreensão e caracterização dos constitutivos territoriais:

- **Contextualização:** letras musicais trazem referências de contextos socioespaciais que delimitam períodos históricos e recortes territoriais (cidade, campo, país, bairro, região), facilitando a colocação do indivíduo em um conjunto mais amplo de processos em escalas diversas, do local ao global, passando pelo nacional e regional. Saber do movimento cultural atrelado à

música e seu repertório artístico e ideológico mobiliza o conhecimento na busca de explicar os contextos temporo-espaciais e entender a dinâmica da (des)territorialização quanto ao sentido desejado pelos autores e transferido às suas letras, situando-as no ser e estar no mundo;

- **Comunicação:** o texto-letra musical comunica impressões sobre lugares impregnadas de simbolismos e ideologias. Tratando de elementos cotidianos de espaços e tempos, comunica ao indivíduo sobre eventos de expressão territorial que manifestam interesse e criam proximidade, pois remetem a elementos de identidade e subjetivação diretamente associados às formas e ações realizadas em paisagens e lugares;

- **Diálogo:** reporta à conversa inter-subjetiva com a música e à partir da música, permitindo a criação de contextos de trocas de informação e de conhecimento sobre lugares e processos sociais e econômicos. A letra da música aparece como subsídio e alavanca do exercício da criatividade mediante a exposição, organização e sistematização de conhecimentos sobre território e territorialidades pessoais e exteriores;

- **Crítica:** a síntese analítica da leitura de uma letra com o objetivo de entender um movimento territorial traz o contato com a crítica que a própria música traz e o interesse em se propor algo a mais, anexando ao entendimento dessa letra impressões individuais e coletivas sobre o cotidiano e as experiências obtidas em lugares variados. Pode-se, assim, confirmar o que a música traz como entendimento, ou contrariar sua forma de ver o ambiente, pois a essência da experiência de lugar requer elementos materiais e imateriais encontrados naquele espaço específico de experiências.

Considerações Finais

Nossa análise buscou mostrar como a música, em sentido mais geral, e as letras das canções, em sentido mais estrito, contribuem para o entendimento das territorialidades e microterritorialidades. A letra musical, como representação social e espacial, traz determinadas visões de lugares, com suas identidades e ideologias em ser e pensar o mundo. Assim, pode ser usada como um instrumento válido para o melhor entendimento das dinâmicas territoriais de construção e desconstrução, enraizamento e desenraizamento territorial.

Consideramos o território como um conceito espacial portador de um sentido de controle político, mas cuja essência também manifesta representações culturais de grupos e povos em sua prática construtiva (trabalho) e criativa (artística), de buscar atuar em determinados lugares e neles criar vínculos mais fortes de identidade. As microterritorialidades expõem o subjetivo do território, seus vínculos e representações sociais cotidianas presentes e, mormente, expressas nas paisagens.

A música e seus elementos são registros da cultura e das territorialidades, ao mesmo tempo em que as expressam e revelam determinadas formas de apreender e pensar os lugares, as paisagens e os conflitos e lutas por pedaços de território. Nesse sentido, o econômico, o social, o político e o cultural se cruzam e se retroalimentam, dotando de imenso dinamismo e de complexidade analítica todas as formas de investigar e compreender as ações de territorialização e de desterritorialização. Nesse artigo, buscamos trazer mais uma contribuição e uma forma de interpretar o relacional e o factual das territorialidades, em sua multiplicidade.

Referências

- CARNEY, G. O. Música e lugar. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2007. p. 123-150.
- CLAVAL, P. A volta do cultural na geografia. *Mercator – Revista de Geografia da UFC*, Fortaleza, CE, ano 1, n. 1, p. 19-28, 2002.
- COSTA, R. H. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____. *Territórios alternativos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Contexto/Editora da UFF, 2002.
- FORTUNA, C. (Micro)territorialidades: Metáfora dissidente do social. *Terra Plural*, Ponta Grossa, PR: UFPG, v. 6, n. 2, p. 199-214, jul./dez. 2012.
- KIMURA, S. Linguagem e produção de sentidos no ensino de geografia. *Terra Livre*, São Paulo: AGB, v. 1, n. 34, p. 177-188, 2010.
- KONG, L. Música popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Cinema, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p.129-175.
- PANITZ, L. M. *Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 1996.
- _____. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1991.
- SAQUET, M. A. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SPÓSITO, E. S. *Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.
- TORRES, M. A.; KOZEL, S. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. *Ra'ega*, Curitiba: UFPR, n. 20, p. 123-132, 2010.